



Recebido em 31/07/2021

Aceito em 27/09/2021

DOI: 10.26512/emtempos.v1i39.39072

ARTIGO

Entre as frias grades e as espinhosas flores: um estudo sobre o processo de expatriação do intelectual cubano Reinaldo Arenas

Between the cold prison bars and the prickly flowers:
a study on the expatriation process of
Cuban intellectual Reinaldo Arenas

Ualisson Pereira Freitas

Graduado em História pela Universidade Federal de Uberlândia

orcid.org/0000-0002-5320-4184

ualissonpereira@hotmail.com

RESUMO: Por meio de relatos epistolares e autobiográficos, este artigo analisa o processo de expatriação sofrido pelo intelectual Reinaldo Arenas e por milhares de outros cubanos. Inicialmente, são abordadas suas expectativas quanto a uma possível fuga da ilha de Cuba e uma potencial vida exílica nos Estados Unidos. Em seguida são investigadas as experiências do escritor já como refugiado, no tocante as questões de identidade e liberdade. Os testemunhos de Arenas demonstraram que diante de suas vivências exílicas houve não só a modificação de suas representações acerca das nações em que residiu, como também uma intensificação de sua fragmentação identitária.

PALAVRAS-CHAVE: Reinaldo Arenas. Exílio. Testemunho.

ABSTRACT: Through epistolary and autobiographical reports, this article analyzes the expatriation process suffered by the intellectual Reinaldo Arenas and thousands of other Cubans. Initially, his expectations regarding a possible escape from the island of Cuba and a potential life in the United States are addressed. Next, the experience of the writer already as a refugee, regarding the issues of identity and freedom, is investigated. Arenas' testimonies showed that in the face of his exylic experiences, there was not only the modification of his representations about the nations in which he resided as well as an intensification of its identity fragmentation.

KEYWORDS: Reinaldo Arenas. Exile. Testimony.

Introdução

Um amigo meu trabalha para a rádio, o programa consiste em tratar temas curiosos, os peixes, as aves, por exemplo. Assim, lendo sobre as aves descobriu um pássaro maravilhoso, que faz uns ninhos largos, fofos e profundos, nos quais nunca chega a luz exterior. Bem, pois sabe o que faz esse pássaro? Caça cucuyos, os faz prisioneiros entre os fios do ninho, busca-lhes comida e os tem ali, servindo-se deles como se fossem lâmpadas fluorescentes. (ARENAS, 2010, p. 57, tradução própria) ¹

O fragmento de texto selecionado foi retirado de uma carta escrita por Reinaldo Arenas em 31 de dezembro de 1971 no contexto Revolucionário. Após sofrer uma perseguição institucionalizada, em decorrência de sua homossexualidade e de seus escritos não apologéticos à Revolução, o intelectual passou a utilizar suas correspondências como estratégia de fuga. Por meio das epístolas que enviava aos amigos Margarita e Jorge Camacho, começou a elaborar formas de sair de Cuba em direção aos Estados Unidos e a fornecer informações sobre a situação dos residentes da ilha caribenha. Como desconfiava que suas correspondências estavam sendo violadas pelas organizações do Estado e temia por sua vida, Arenas denunciava a opressão através de metáforas.

Nesse mesmo fragmento podemos observar que a Cuba Revolucionária foi significada como um regime extremamente autoritário. Ao apresentá-la sob a alegoria de um ninho inalcançado pela luz exterior, Arenas simboliza uma estrutura que protege os cubanos, mas que, em contrapartida, os prende, negando-lhes a saída. Essa representação² também pode ser observada através do pássaro maravilhoso (o revolucionário) que alimenta o cucuyo (o cubano), mas que, ao mesmo tempo, o caça e explora sua bioluminescência. O cucuyo, por sua vez, sustenta todo o sistema do ninho (da Revolução); o seu brilho é o próprio brilho da dissidência e o seu sonho, a luz do exílio.

Contudo, quando a expatriação se efetiva para Arenas, seus testemunhos entusiasmados sobre a liberdade e felicidade nos Estados Unidos sofrem flutuações, dando lugar a sentimentos de incerteza e dúvida. A Cuba revolucionária recebe representações nostálgicas – ainda que não deixe de ser exposta como a responsável por suas desgraças – enquanto a experiência no desterro passa a ser representada de forma ambígua ou negativamente. Os próprios relatos de Arenas revelam a guinada de seus pensamentos sobre os Estados Unidos: “Deixei de existir quando cheguei no exílio; a partir de então, comecei a fugir de mim mesmo” (ARENAS, 2010, p. 323).

¹ No original: “Un amigo mío trabaja para la radio, el programa consiste en tratar temas “curiosos”, los peces, las aves, por ejemplo. Así, leyendo sobre las aves descubrió un pájaro maravilloso, que hace unos nidos largos, mullidos y profundos a los cuales por lo mismo no llega nunca la luz exterior. Bien ¿pues sabes o que hace ese pájaro? Caza cucuyos¹, los hace prisioneros entre los hilos del nido, les busca comida y los tiene allí, sirviéndose de ellos como si fueran lámparas fluorescentes”.

² Segundo Chartier, a representação é o instrumento pelo qual um indivíduo, ou um grupo de indivíduos, constrói significados sobre o mundo social. É um processo de significação intencional, carregado de interesses, que corresponde a uma determinada estratégia de um agente ou grupo. Ver mais em: CHARTIER, 1991, p. 173-191.

Diante da complexidade dessas representações buscamos analisar o processo de expatriação sofrido pelo intelectual. Através da investigação de suas experiências e expectativas³ exploramos suas estratégias de fuga e de sobrevivência, bem como, suas concepções de identidade e liberdade no processo de desterro.

De cubano revolucionário a dissidente exilado

Antes de analisar os testemunhos de Arenas, é necessário que se apresente a trajetória de vida do intelectual no cenário cubano. Nascido em 1943 na província de Holguín, Reinaldo Arenas tornou-se um dos maiores expoentes da Revolução Cubana, privilegiando entre as várias faces da luta os seus aspectos mais atrevidos. Através de sua autobiografia, intitulada *Antes que anoiteça*, e de diversas outras obras evidencia a grande exclusão social e a violência sofrida pelos homossexuais em Cuba. Nesse sentido, o intelectual busca construir através de seus escritos uma espécie de contramemória do processo revolucionário.

Oriundo de família humilde, o escritor passou a infância em uma aldeia chamada Perronales, onde frequentou a partir de 1949 uma escola rural. Nesse ambiente, Arenas teve contato com outros estudantes do sexo masculino, pelos quais, segundo ele, já sentia atração (ARENAS, 1995, p. 27). Após o golpe militar de Fulgencio Batista⁴, ocorrido em 10 de março de 1952, agrava-se a situação econômica de sua família, composta por seus avós maternos, tias e mãe. Resolvem então vender o sítio em que moravam e se mudar para Holguín: local em que, segundo Arenas, respirava-se um ambiente machista, caracterizado por valores que sua família compartilhava e no qual havia sido educado (ARENAS, 1995, p. 56-59).

Em 1958, Arenas junta-se à luta insurrecional⁵ contra os soldados de Batista, momento em que o escritor relata ter visto os primeiros casos de injustiça relacionados à Revolução. Afirma que pelo simples fato de serem denunciados como *chivatos*⁶, os considerados traidores eram fuzilados pelos rebeldes em “tribunais revolucionários” que consistiam em verdadeiros espetáculos públicos. Esse tipo de julgamento e sentenciamento ficou conhecido como *el paredón* (ARENAS, 1995, p. 65-69).

³ Como categorias de análise adequadas para lidar com o tempo histórico, o espaço de experiência e o horizonte de expectativa são definidos, respectivamente, por Koselleck como o passado atual – onde os acontecimentos incorporados podem ser lembrados – e o futuro presente – que se volta ao não experimentado. Ver mais em: KOSELLECK, 2006, p. 305.

⁴ Fulgencio Batista Zaldívar foi um militar cubano que exerceu dois mandatos na ilha caribenha. O primeiro foi constitucional e se efetivou entre os anos de 1940 e 1944. O segundo ocorre a partir de um golpe militar e perdura de 10 de março de 1952 até 1º de janeiro de 1959. Ver mais em: PRADO, 2018, p. 41-43.

⁵ A luta insurrecional inicia-se em 26 de julho de 1953 quando rebeldes tentam assaltar o Quartel Moncada com a intenção de entregar as armas do exército ao povo e posteriormente promover uma mobilização nacional que culminaria na queda do governo de Fulgencio Batista. Essa luta persiste até 1º de janeiro de 1959, quando triunfa o movimento revolucionário. Ver mais em: PRADO, 2018, p. 41-43.

⁶ O termo *Chivato* tem sentido pejorativo e é usado na língua espanhola para nomear aqueles que delataram ou traíram determinadas pessoas ou causas. Pode ser traduzida como “informante”. Ver em: Cambridge Dictionary, 2020.

Em 1960, já após o triunfo da Revolução, Arenas passa a estudar em uma escola politécnica chamada *La Pantoja* em um curso de Contabilidade Agrícola incentivado financeiramente pelo governo. Os estudantes que se formassem na área se tornariam responsáveis pela administração do espaço rural de Cuba. Segundo Arenas, esse ambiente escolar era marcado por uma virilidade militante, de forma a combater severamente a homossexualidade (ARENAS, 1995, p. 72-74). Posteriormente, foi aprovado para um curso de Planificação, oferecido a contadores agrícolas na Universidade de Havana, onde recebeu aulas de economia política, trigonometria, matemática e planejamento. Nesse momento de sua vida o intelectual expõe que, apesar de temer que descobrissem sua homossexualidade, não verificava uma vigilância social excessiva. Alguns de seus amigos eram abertamente homossexuais, mas Arenas se negava a ter uma vida homossexual pública (ARENAS, 1995, p. 94-99).

Em 1963, os estudantes do curso de Planificação foram levados a trabalhar como contadores no INRA⁷, e Arenas começa a frequentar a Biblioteca Nacional José Martí nos horários ociosos. Ao participar de um concurso de contos consegue transferência de setor através de muitos trâmites burocráticos e solicitações da diretora María Teresa Freyre. Passando a trabalhar na biblioteca, teve as leituras orientadas por Cintio Vitier e Eliseo Diego, considerados por Arenas uma espécie de aristocracia culta. A partir deste contato Arenas escreve novelas como *Celestino antes del alba* e *El mundo alucinante*, ambas premiadas pela UNEAC⁸ entre 1964 e 1966. Inicia-se assim, de modo imprevisível, sua carreira de escritor.

No entanto, esse mesmo período também marca o aumento da perseguição, não só aos homossexuais, mas também aos intelectuais. A Biblioteca Nacional passa a ser tachada de centro de corrupção ideológica, e recebe uma série de ataques. A diretora é destituída após ser acusada de lesbianismo e de ser contrarrevolucionária. Os livros que podiam ser considerados “diversionismo ideológico” são retirados das estantes, assim como os livros que abordavam assuntos relacionados a desvios sexuais. Em âmbito nacional os jovens também passam a ser perseguidos por usar cabelos compridos ou calças muito justas (ARENAS, 1995, p. 100-105). Tais eventos, somados aos anos do Quinquênio Gris⁹, levaram Arenas à prisão entre 1974 e 1976 e culminaram em sua fuga da ilha caribenha em 1980.

⁷ O Instituto Nacional de Reforma Agrária (INRA) de Cuba foi criado pela Revolução Cubana em 1959 para executar políticas econômicas e sociais. Por meio dele foi implementada a primeira lei de reforma agrária de Cuba, promulgada em 17 de maio de 1959. A lei era uma medida reformista e popular através da qual camponeses, arrendatários e colonos passaram a adquirir gratuitamente seu espaço de terra. Ver mais em: MARQUES, 2009, p. 35.

⁸ A União dos Escritores e Artistas Cubanos (UNEAC) é uma organização cultural com fins culturais e artísticos. Foi criada no Primeiro Congresso de Artistas e Escritores de Cuba em 1961 e se tornou um órgão responsável por controlar o material cultural produzido. Ver mais em: MARQUES, 2009, p. 107.

⁹ O Quinquênio Gris consistiu em um agravamento da luta ideológica em Cuba, entre 1971 e 1975, em decorrência das resoluções do Primeiro Congresso Nacional de Educação e Cultura. A partir deste, foram formuladas leis que impediam os homossexuais de exercerem funções em cargos públicos e em projetos artísticos, e os demitiam de cargos educacionais. Os intelectuais também foram atacados e condenados ao ostracismo por uma política de direcionamento da arte e da literatura cubana. Ver mais em: MESA, 2011, p. 136.

Disputas políticas e busca pela liberdade em território estrangeiro

Nos diversos relatos de Arenas observa-se uma sociedade em que os opositores ao poder estatal, além de perseguidos, eram mortos em uma estrutura que lhes dificultava a permanência na ilha e concomitantemente negava-lhes a saída. Fenômeno que ocorre, em diversos países, por haver uma interação oposta complementar entre a construção do nacionalismo e a prática do exílio. De acordo com Said:

O nacionalismo é uma declaração de pertencer a um lugar, a um povo, a uma herança cultural. Ele afirma uma pátria criada por uma comunidade de língua, cultura e costumes e, ao fazê-lo, rechaça o exílio, luta para evitar seus estragos. Com efeito, a interação entre nacionalismo e exílio é como a dialética hegeliana [...], opostos que constituem um ao outro. Em seus primeiros estágios, todos os nacionalismos se desenvolvem a partir de uma situação de separação. [...] Logo adiante da fronteira entre "nós" e os "outros" está o perigoso território do não-pertencer, para o qual, em tempos primitivos, as pessoas eram banidas e onde, na era moderna, imensos agregados de humanidade permanecem como refugiados e pessoas deslocadas. (SAID, 2003, p. 49)

Como parte destes deslocados, Arenas passou por esse processo de separação, em que foi transformado em dissidente a partir da negação de sua identidade homossexual e de suas práticas literárias. Constituiu, portanto, um “outro” que, segundo os revolucionários, não condizia com os desígnios da Revolução. Habitando esse “território do não-pertencer” em sua própria pátria – que nega sua cultura e costumes –, o intelectual começa a almejar o exílio. Oferece assim um quadro complexo da Cuba revolucionária, permitindo reflexões acerca do desterro cubano e dos sentimentos experienciados por ele nesse processo de expatriação.

É possível verificar, através das cartas enviadas à Margarita e Jorge Camacho que desde meados da década de 1960 Arenas possuía embates com os revolucionários cubanos. Na primeira epístola, datada de 1º de dezembro de 1967, o intelectual já denunciava a perda dos direitos autorais dos escritores a partir das resoluções dos seminários do Congresso Cultural de la Habana, apresentando um profundo descontentamento:

Eu acho conveniente dizer que nos seminários do Congresso Cultural (que foram tremendamente medíocres), foi aprovado (sem contar com os escritores) pela alta burocracia, que nunca escreveu uma página, a eliminação dos direitos autorais. Isso, é claro, foi aprovado muito antes por Fidel, e foi apenas uma pantomima representativa. (ARENAS, 2010, p. 29, tradução própria)¹⁰

A perda desses direitos autorais significava que os trâmites para a publicação de obras não estavam mais a cargo dos escritores. Os organismos revolucionários seriam, a partir de então, responsáveis por aprovar as publicações. Os relatos em *Antes que anoiteça* evidenciam também que em 1967, o intelectual já havia oferecido testemunhos aos amigos sobre diversas formas de repressão que ocorriam em Cuba:

¹⁰ No original: “Creo que es conveniente decirte que en los seminarios del Congreso Cultural (que fueron tremendamente mediocres) se aprobó (sin contar con los escritores) por la alta burocracia, que jamás ha escrito una cuartilla, eliminar los derechos de autor. Esto, desde luego, estaba aprobado mucho antes por Fidel, y todo no fue más que una pantomima representativa”.

O encontro com Camacho e Margarita marcou uma nova época em minha vida. Tinham aquela intuição (raríssima entre os convidados oficiais de um evento em país socialista) para enxergar a verdade por trás de um elogio, e até das constantes atenções para com eles. Tinham dúvidas em relação à situação real dos artistas em Cuba. Desiderio Navarro, Virgilio Piñera e eu nos encarregamos de revelar tudo: campos de concentração, perseguições, censura, prisões repletas. (ARENAS, 1995, p. 148)

No entanto, mesmo oferecendo esses relatos opostos a Revolução, as epístolas não apresentavam nesse período qualquer referência ao exílio. Nas cartas enviadas entre 1969 e 1970, são observados, ainda, testemunhos sobre a impossibilidade de publicação de suas obras e denúncias de seu cansaço do trabalho revolucionário¹¹, mas sem qualquer menção ao desterro: “Gostaria muito de ler e tenho tão pouco tempo. Eu gostaria de escrever, mas estou tão cansado” (ARENAS, 2010, p. 40, tradução própria)¹², “acabo de voltar da agricultura onde passei três meses” (ARENAS, 2010, p. 47, tradução própria)¹³.

Só a partir de 1971 surge para Arenas a necessidade de sair da ilha caribenha. Em sua autobiografia é possível observar que o intelectual começa, nessa data, a apresentar casos em que opositores políticos eram muitas vezes encarcerados e torturados. Vivenciava, por conseguinte, a ampliação de seus medos e descontentamentos com relação a revolução. Arenas apresenta, por exemplo, o evento em que o escritor Heberto Padilla¹⁴, após ser encarcerado e agredido junto com a sua esposa Belkis Cuza Malé, foi obrigado a fazer uma confissão em meio a diversos intelectuais, denunciando todos os demais escritores que se empenhavam em obras críticas a revolução. De acordo com Reinaldo Arenas:

A noite em que Padilla fez sua confissão foi uma noite sinistra e inesquecível. Aquele homem vital, que escrevera lindos poemas, arrependia-se de tudo o que havia feito, de toda a sua obra anterior, renegando-se a si próprio, intitulado-se de covarde, miserável e traidor. Dizia que, durante o tempo em que estivera preso pela Segurança do Estado, entendera a beleza da Revolução e escrevera poemas dedicados à primavera. Padilla não só retratava-se de toda a sua obra anterior, como também delatava publicamente todos os seus amigos e até sua esposa, os quais, segundo ele, também tiveram uma atitude contrarrevolucionária. Padilla dava o nome de todas essas pessoas, uma por uma: José Yanes, Norberto Fuentes, Lezama Lima [...]. (ARENAS, 1995, p. 168-169)

¹¹ De acordo com Drummond, no ano de nos anos de 1969 e 1970 o plano de desenvolvimento econômico acelerado de Cuba apelou à maior capacidade de produção que possuía. Diante disso investiu-se todos os esforços na produção massiva de açúcar para obter recursos e nivelar o comércio exterior. Houve uma mobilização geral – de sindicatos, estudantes, militares, burocratas e o Partido – para alcançar o objetivo de uma safra de 10 milhões de toneladas. A colheita se deu entre novembro de 1969 e julho de 1970. Entretanto, a grande safra alcançou somente 8,5 dos dez milhões de toneladas projetadas, e o esforço esgotou a economia nacional. Ver mais em: DRUMMOND, 2018, p. 27.

¹² No original: “Quisiera ler tanto y tengo tan poco tiempo. Quisiera escribir tanto y sin embargo estoy tan cansado”.

¹³ No original: “yo acabo de regresar de la agricultura donde he pasado tres meses”.

¹⁴ Heberto Padilla tornou-se alvo das ações revolucionárias em 1967, por elogiar e defender exilados e inimigos do governo, denunciar os campos de internação e trabalhos forçados. Suas ações literárias levaram o intelectual a sofrer uma constante censura e repressão, levando-o a negar toda sua obra em 1971. Ver mais em: COSTA, 2009, p. 194-195.

Segundo os relatos, muitos desses escritores estavam na plateia e tiveram de ir até o microfone assumir a sua culpa e reconhecer que eram, também, abjetos traidores do sistema. Os testemunhos oferecem ainda, quadros em que escritores agraciados com prêmios nacionais de poesia eram subitamente condenados por diversionismo ou sentenciados por corrupção de menores, sendo posteriormente levados aos campos de trabalho forçado.¹⁵ A partir das leis da *parametraje*, que destituíram os cidadãos de seus cargos públicos e os excluíram do Partido Comunista Cubano por serem considerados contrarrevolucionários¹⁶ e das leis do *diversionismo ideológico*, que condenaram o indivíduo pela oposição às ideias políticas e filosóficas oficiais, identifica-se uma repressão de proporções imensuráveis aos intelectuais em Cuba, nesse período. Muitos daqueles que não eram condenados tentavam, de inúmeras formas, partir para o exílio:

Quantos jovens não morreram afogados, tentando atravessar o estreito da Flórida ou, simplesmente, baleados pela guarda costeira da Segurança do Estado? Outros optaram por uma forma de fuga mais segura, ou seja, o suicídio. [...] Agora não tratava apenas de esconder os textos e mandá-los para o exterior no momento adequado; tratava-se também de sairmos do país. (ARENAS, 1995, p. 172-173)

Diante disso, Arenas desenvolve em 1971, juntamente com seus amigos Olga Neschein¹⁷, Margarita e Jorge Camacho, estratégias específicas para sua fuga. Em diferentes cartas o intelectual solicita “*O livro das flores*” que, de acordo com sua autobiografia, consistia em um código inventado por eles para planejar sua deserção, sem que fossem descobertos pelas autoridades revolucionárias (ARENAS, 1995, p.190). Através dessa expressão, que continha significados secretos, consideraram diversas possibilidades para o exílio. Combinaram a saída de Arenas através de barcos de carga pelo porto de Havana, em outra ocasião pensaram em colocar uma embarcação em algumas das pequenas ilhas próximas a cuba, e ainda houve uma tentativa de sair pela base de Guantánamo (ARENAS, 2010, p. 58). Todas as possibilidades eram extremamente perigosas e todas as tentativas foram frustradas.

Apesar de não se mostrarem úteis para a fuga de Arenas, essas cartas contêm importantes representações sobre a Revolução. Uma Revolução que é pautada por uma política de manutenção da vida, mas que, por outro lado, ocasiona a morte massiva

¹⁵ O próprio Heberto Padilla teve a premiação de seu livro *Fuera de juego* negada pela UNEAC. Após essa obra ter sido qualificada como tendo tendências contrarrevolucionárias, foi publicada com um prólogo explicativo, no qual o intelectual era julgado por seu distanciamento da Revolução, por sua crítica arbitrária sobre os objetivos e problemas da realidade cubana e por sua exaltação ao individualismo num momento em que a Revolução requeria ações coletivas para obter metas de transformação social. Ver mais em: COSTA, 2009, p. 195-196.

¹⁶ As resoluções do Congresso Nacional de Educação e Cultura de 1971 atingiram diretamente os homossexuais, mas também afetaram a todos que eram considerados contrarrevolucionários. Em certo momento, até mesmo os homens héteros foram retirados do Partido Comunista Cubano por não demonstrarem virilidade ou por estarem envolvidos em ações vistas como infiéis a luta de emancipação dos EUA. Ver mais em: CASTRO, 2013.

¹⁷ Olga Neschein era amiga de Reinaldo Arenas. Por ter nacionalidade francesa podia sair e entrar em Cuba, livremente. Durante essas viagens entrava em contato com Margarita y Jorge, portando cartas de Arenas e relatando a situação em que o intelectual se encontrava em Cuba. Ela foi a responsável por revelar a Margarita y Jorge o significado da frase “*El libro de las flores*”. Ver em: ARENAS, 2010, p. 58.

através da negação de identidades e práticas. Essa *biopolítica*¹⁸ pode ser observada na repressão aos homossexuais, bem como, aos intelectuais, onde os sujeitos são levados, antes de tudo, a se arrepender de suas ideologias ou sexualidades em uma forma de governança que visa a homogeneização da população. Quando são vencidos pelos *dispositivos de controle*¹⁹ esses sujeitos vivem e são integrados a luta da Revolução. Passam de dissidentes a revolucionários, de delatados a delatores, de cucuyos a pássaros maravilhosos. O preço, porém, é a perda da integridade, individualidade e liberdade pessoal. Quando negam a normalidade instituída passam a representar um perigo iminente a sociedade, sendo muitas vezes eliminados sob a justificativa do bem comum. Nunca deixam de ser cucuyos e quando tentam sair do ninho, perdem mais do que o brilho: a existência.

Com o aumento crescente da perseguição e a falha em sair da ilha, os anseios do intelectual aumentam e o exílio parece tornar-se indispensável. Em carta datada de 17 de novembro de 1972 Arenas escreve: “Quanto ao *livro das flores* devem pôr-se de acordo com Olga a fim de ver se ela tem feito algum procedimento para conseguir algum editor [alguém que o ajude a sair da ilha]. É uma obra de uma importância sem limites como todas as grandes obras” (ARENAS, 2010, p. 62-63, tradução própria)²⁰. Em 30 de abril de 1973 expõe: “Quanto ao *livro das flores* acredito que o melhor que se possa fazer é ajudar a Olga em qualquer aspecto a fim de que ela possa trabalhar nele. Sua inteligência e o domínio de várias línguas lhe permitirão fazer uma boa tradução, que espero ler em breve” (ARENAS, 2010, p. 64-65, tradução própria)²¹. Em 13 de fevereiro de 1974 elabora:(ARENAS, 2010, p. 69, tradução própria)²². Ao representar o desterro como “maravilhoso” e “de uma importância sem limites”, observa-se que Arenas o transforma, ante às repressões, perseguições e o grande medo experimentados, em um símbolo de salvação.

A tentativa de fuga pela estratégia do *livro das flores* está presente em quase todas as cartas enviadas entre 1971 e 1974 e só foi interrompida pela prisão de Arenas, que durou dois anos. Assim que o intelectual foi liberto, em janeiro de 1976, passa a viver sob circunstâncias precárias, com as condições física e financeira

¹⁸ *Biopolítica* é um conceito foucaultiano utilizado para referenciar a transformação das formas de poder, sobretudo, a partir do final do século XVIII. Se antes visava-se a disciplina do indivíduo, a partir do advento da problemática da população a disciplinarização individual é substituída pela governança de um todo, mediante mecanismos globais. As vidas passam a ser administradas de modo a se obter estados de equilíbrio e de regularidade, considerando os aspectos biológicos do homem e assegurando sobre ele uma regulamentação. Normaliza-se assim os comportamentos, as formas de existência, a sociedade. Ver mais em: FOUCAULT, 1999, p. 293-294.

¹⁹ Os *dispositivos de controle* são aparelhos punitivos que separam o normal do anormal. Mecanismos de governamentalidade que penetram os corpos, os gestos, os comportamentos, em um esforço de disciplinarização. Ver mais em: FOUCAULT, 1984, p. 151.

²⁰ No original: “En cuanto al libro de las flores deben ponerse de acuerdo con Olga a fin de ver si ella ha hecho algún trámite para conseguirle algún editor. Es una obra de una importancia sin límites, como todas las grandes obras”.

²¹ No original: “En cuanto al Livre des fleurs, creo que lo mejor que se pueda hacer es ayudar a Olga, en cualquier aspecto, a fin de que ella pueda trabajar en él. Su inteligencia y el dominio de varias lenguas, le permitirán hacer una buena traducción que espero leer pronto”.

²² No original: “Siempre lo que he deseado es un lugar solo y quieto donde poder hojear sin mucha precipitación a Proust, Rimbaud o al maravilloso Livre des fleurs que espero”.

debilitadas.²³ Sem conseguir emprego, vê-se obrigado a pedir a seus amigos objetos básicos para sua sobrevivência. O mesmo escritor que é reconhecido no exterior por suas novelas – saídas de Cuba de forma clandestina –, sobrevive na ilha através da mendicância em uma constante tentativa de estabilizar sua existência (ARENAS, 1995, p. 72-75).

É possível notar em seus testemunhos literários e epistolares, que o período que sucede o seu julgamento é marcado pela ampliação de seus medos com relação ao Estado, bem como pelo aumento de sua sensação de inexistência e impossibilidade de reconstrução de um local fértil para sua vida. Frases como “pensei que ele tinha sido mandado para verificar se eu continuava com minhas práticas sexuais”, “tudo era controlado pelo governo”, “toda a vida havia sido destruída pelo sistema”, “aparato inquisitorial de Fidel Castro”, passaram a referenciar os seus sentimentos quando mencionava os acontecimentos do seu cotidiano. (ARENAS, 1995, p. 249-257). Diante disso, a estratégia do *livro das flores* é abandonada. Há ainda uma diminuição de suas correspondências bem como de assuntos relacionados ao exílio. Isso pode ser explicado pela nova situação em que Arenas se encontrava. Sem trabalho, ele se empenhava em sua sobrevivência, além disso, sentia-se ainda mais vigiado pelas estruturas revolucionárias.

É plausível que, como preso político recém-liberto, o intelectual tenha mesmo ficado sob maior vigilância. Relata, por exemplo, que o tenente que o interrogou na prisão havia lhe visitado para mostrar que encontrou manuscritos antirrevolucionários escondidos abaixo do telhado de sua antiga casa e ameaçá-lo (ARENAS, 1995, p. 258). Em outra ocasião, Arenas declara que o mesmo tenente ligava para ele constantemente oferecendo um emprego em troca de uma literatura revolucionária e socialista (ARENAS, 1995, p. 267). No entanto, o escritor também apresenta um temor acentuado. Após a experiência de cárcere mostra-se excessivamente preocupado com o aparato policial da Revolução, apresentando em diversas partes de sua autobiografia todos a sua volta como vigilantes revolucionários em potencial. Acometido pelo autoritarismo estatal tem as percepções da realidade alteradas. Suas desconfianças inclinam-se a uma obsessão: “[...] Passei uma semana apavorado, esperando a visita da Segurança do Estado” (ARENAS, 1995, p. 278).

Cada vez mais o intelectual questiona as ações revolucionárias e desconfia dos agentes comprometidos com a luta da Revolução. Sobre a morte repentina de seu amigo Virgílio Piñera, declarada como infarto em 18 de outubro de 1979, expõe:

Quando cheguei ao velório e não vi o corpo de Virgilio, desconfiei logo que aquela morte pudesse ter sido um crime. Fidel Castro sempre odiou os escritores, inclusive os que estavam a favor do governo, como Guillén e

²³ Em seu julgamento, Arenas foi condenado a dois anos de prisão, os quais já havia cumprido parcialmente em El Morro. Segundo o escritor, sua pena foi ínfima pelo fato de as testemunhas terem negado a denúncia de abuso movida contra ele. A sanção remanescente foi cumprida em 1975 no exercício de construção de casas estatais e na edificação de uma escola secundária cubana. Arenas expõe em sua obra que não sabe o motivo pelo qual as testemunhas agiram em seu favor, negando o abuso que, segundo ele, realmente era inverídico. O escritor evidencia que talvez os jovens não quisessem que constassem em suas fichas qualquer relação com a homossexualidade. Ver mais em: ARENAS, 1995, p. 241-242.

Retamar; mas, no caso de Virgílio, o ódio era ainda mais profundo; talvez por se tratar de um homossexual, e também porque sua ironia era corrosiva, anti-comunista [...]. Ele representava o eterno dissidente, o constante inconformado, o eterno rebelde. Com sua novela *Presiones y diamantes*, na qual descobre-se que um famoso diamante é falso e o jogam na latrina, Virgílio caiu na mais completa desgraça junto a Fidel Castro; a novela era simbólica demais. O diamante chamava-se Delfi, isto é, um anagrama do nome de Fidel. (ARENAS, 1995, p. 303)

Percebe-se nesse trecho que Arenas não apresenta a morte de Piñera como uma fatalidade. O intelectual sugere um assassinato planejado pelo aparelho revolucionário. Em sua autobiografia denota que o corpo de Piñera não foi cedido para o enterro, e que oficiais haviam visitado sua casa há pouco tempo retirando seus escritos e proibindo-lhe de organizar leituras públicas. Ao apresentar um homicídio em função de ações políticas, os escritos de Arenas dão indícios do agravo de seus ressentimentos a Revolução. Para além disso, esses retratos, do Estado cubano como um poder onipotente e de Fidel Castro como um líder que controla individualmente uma teia coercitiva, revelam o trauma de um indivíduo privado de seus direitos e de suas garantias constitucionais em um Estado extremamente autoritário.

A saída de Arenas da ilha cubana ocorre apenas em 4 de maio de 1980, através do Porto de Mariel. Um mês antes, cidadãos cubanos roubaram um ônibus e derrubaram os portões da Embaixada do Peru pedindo asilo político. Quando o embaixador peruano concedeu o asilo, Fidel deu ordem para que seus guardas fossem retirados do local com a intenção de pressionar a embaixada. No entanto, continuaram a receber aqueles que reivindicavam asilo político e dentro de dois dias quase 11.000 pessoas se refugiaram no local.²⁴ Sobre o episódio Arenas relata:

Fidel e Raúl Castro vieram até os portões da Embaixada do Perú. Pela primeira vez, Castro ouviu o povo xingando, chamando-o de covarde e criminoso; pedindo liberdade. Temendo que tivesse início uma revolução popular Fidel Castro e a União Soviética decidiram que era necessário abrir uma brecha e deixar sair do país um grupo dos mais dissidentes; era como fazer uma sangria num organismo doente. Num discurso desesperado e irado, junto com García Márquez e Juan Bosch, que batiam palmas, Castro acusou todos aqueles coitados que se refugiaram na Embaixada do Peru de antissociais e depravados sexuais. [...] O porto de Mariel foi aberto [...]. (ARENAS, 1995, p. 307-308)

Para saírem pelo porto de Mariel era necessário que deixassem a embaixada na qual se encontravam portando um salvo-conduto. Segundo Arenas, multidões ficavam do lado de fora das embaixadas e muitas vezes tiravam esses documentos das mãos dos asilados. Perdiam a condição de asilado e ainda eram agredidos. Além de terem ocorrido vários assassinatos que foram tratados pela imprensa como atos heroicos contra antissociais, as casas dos que aguardavam a saída de Cuba foram apedrejadas.

²⁴ Em maio de 1979, em meio a dificuldades econômicas e o endurecimento da vida cultural [...] alguns cubanos começaram a adentrar embaixadas latino-americanas em Cuba a fim de solicitar asilo político. As embaixadas peruana e venezuelana eram as mais escolhidas. Até março de 1980, aproximadamente 30 cubanos já haviam utilizado essa estratégia para deixar a ilha. Após o episódio de invasão a embaixada e a retirada dos guardas do local, ocorrida em abril de 1980, tantas pessoas se refugiaram que dois dias depois o governo cubano teve de retomar a guarda. Ver mais em: DRUMMOND, 2018, p. 28.

Surgiram em toda a ilha cartazes que diziam “Vão embora, a plebe deve ir embora”, “que os homossexuais vão embora, que a escória vá embora”. Para Arenas, estes foram dias em que o terror, que tinham passado durante vinte anos, atingira seu pico (ARENAS, 1995, p. 308-310). No entanto, muitos também conseguiram o documento e consequentemente o exílio. Sobre a saída de seu amigo Lázaro, Arenas testemunha:

[...] fomos juntos de táxi até o local onde expediam os documentos, e Lázaro disse: ‘Não se preocupe, vou tirar você daqui, Reinaldo’. Quando ele saiu do táxi, vi a multidão dar-lhe porretadas nas costas, enquanto ele corria sob uma chuva de pedras e frutas podres; em meio àquela cena, vi Lázaro desaparecer em direção à liberdade, enquanto eu permanecia ali, sozinho. (ARENAS, 1995, p. 309)

De acordo com Arenas, em nenhum momento o porto de Mariel foi aberto para quem quisesse sair da ilha. Afirma que aqueles que poderiam contribuir para uma imagem negativa de Cuba tinham a passagem negada: “não deixava sair os profissionais com nível universitário, nem os escritores com livros publicados no exterior, como era o meu caso” (ARENAS, 1995, p. 310). Saíam aqueles que eram considerados os indesejáveis. Não podendo sair como escritor, Arenas utiliza de um registro comprobatório de que havia sido preso por perturbação da ordem pública.

Mandaram-me assinar um documento no qual eu afirmava sair do país por problemas estritamente pessoais e por ser indigno de viver em meio a uma Revolução tão maravilhosa quanto a cubana. Deram-me um número e mandaram que não saísse de casa. [...] Minha saída do país fora tratada a nível de bairro, de delegacia de polícia, os mecanismos de perseguição em Cuba não estavam ainda tão sofisticados, do ponto de vista técnico. Foi por essa razão que consegui sair sem que a Segurança do Estado ficasse sabendo; saí como mais uma bicha-louca, e não como escritor; os tiras que me deram a autorização, no meio de tanta confusão, não sabiam absolutamente nada de literatura, nem podiam conhecer minha obra, quase totalmente inédita em Cuba (ARENAS, 1995, p. 311).

Percebe-se diante deste testemunho, que as estratégias de saída de Cuba elaboradas por Arenas estão apoiadas justamente naquilo que o transformou em dissidente dentro da Ilha: a literatura e a homossexualidade. Antes de sua prisão, o *livro das flores* foi o meio encontrado para estabelecer diálogo com seus amigos e planejar a sua fuga. Depois de sua prisão, ele utiliza o próprio processo movido contra ele a respeito de sua homossexualidade. Estes são exemplos que, somados a outras formas de resistência apresentadas nos relatos, mostram a possibilidade de ação da população e o enfrentamento às imposições instituídas.

Antes de sair de Cuba, porém, era necessário mostrar o passaporte a um dos agentes do aparato policial. Todos os nomes eram checados em um livro no qual estavam listadas as pessoas que não poderiam sair da ilha. Aqueles que constavam no livro ficavam retidos em território cubano.

Rapidamente, pedi uma caneta a um vizinho na fila; como meu passaporte tinha sido feito à mão, e o “e” de Arenas estava muito fechado, transformei a letra em “i” e meu nome passou a ser Arinas; foi esse nome que o oficial procurou no livro e nunca encontrou. [...] Antes de subirmos nos barcos, fomos divididos em grupos: um era formado por débeis mentais, em outro iam os assassinos e marginais irrecuperáveis, em outro mais, as prostitutas e os homossexuais. [...] Os barcos foram lotados com pessoas dos diferentes grupos

[...], a maioria constituída de gente como eu, que queria apenas morar num mundo livre, trabalhar e recuperar sua dignidade perdida (ARENAS, 1995, p. 312-313).

Observa-se através desses relatos que muitos dos dissidentes da Revolução, ao serem categorizados nas embarcações, saíram de Cuba sob estigmas extremamente pejorativos, que os perseguiram não só dentro da ilha, mas também no exílio.²⁵ É necessário pensar que essa tipificação da dissidência é feita sob a ótica daqueles que se enquadravam no padrão normativo instituído pela ideologia revolucionária. Desse modo, muitos dos que foram rotulados como antissociais eram, na verdade, opositores políticos; muitos dos classificados como marginais eram artistas e os imorais eram homossexuais. Logo, esses estigmas difundidos pelos revolucionários escondiam uma dimensão social de extrema repressão, perseguição e censura. A caracterização desses dissidentes foi mais uma forma – dentre outras – de deslegitimação da oposição política ao governo revolucionário cubano.

Diante dos expostos, verifica-se que na experiência de Arenas a busca pelo exílio é reafirmada em decorrência das repressões sofridas, referentes a seus escritos e sua sexualidade. A necessidade do desterro surge em 1971 – provavelmente em decorrência do agravamento da perseguição proveniente das resoluções do I Congresso Nacional de Educação e Cultura – e é reafirmada pela sua experiência na prisão. Com o aumento de seus medos e ressentimentos a Revolução, o intelectual almeja a saída de Cuba como forma de recomposição de seu mundo que havia sido inviabilizado. A segurança, a dignidade e a liberdade passam a ser vistas por Arenas como direitos que só seriam concedidos em uma realidade distinta daquela que experimentou. Assim, os Estados Unidos passam a representar uma possibilidade de refazer a sua identidade perdida, reelaborar a sua existência, de sentir-se novamente completo e livre: “Tenho muitas coisas a dizer e espero poder dizê-las” (ARENAS, 2010, p. 40, tradução própria)²⁶.

Experiências exílicas: alternância intelectual entre o trauma e a inexistência

Mario Sznajder e Luis Roniger evidenciam que o exílio em sua forma moderna tem suas raízes em uma tradição hispânica de desterro que remonta ao período colonial. No entanto, o exílio só passa a ter maior visibilidade a partir do século XX, quando se torna massivo em decorrência do aumento das lógicas de exclusão política. Os autores argumentam que o banimento consistiu em uma ferramenta de colonização, defesa, e reforço das fronteiras coloniais e ao mesmo tempo serviu para a regulação de elementos entendidos pelo poder hegemônico como perigosos para a paz social. Diante disso, é possível pensar que o exílio moderno se constitui como uma prática que foi internalizada pela cultura latino-americana e que é utilizada como tecnologia de poder e como mecanismo de exclusão institucional (JENSEN, 2015, p. 15). Nesse sentido, entende-se que a Cuba revolucionária adota a prática do exílio

²⁵ Os discursos oficiais tratavam esses dissidentes como “indesejáveis” e indignos da revolução. A imprensa também foi utilizada como meio de produzir uma imagem pejorativa dos que sofreram desterro. Ver mais em: MARQUES, 2009, p. 156-174.

²⁶ No original: “Tengo muchas cosas que decir y espero poder decir las”.

como forma de estabelecer os domínios do socialismo em um período de disputa no mundo bipolarizado. O desterro cubano no período da Revolução não é resultado de uma colonização física e territorial, mas se estende aos domínios do simbólico e do ideal, enquadrando-se em um exercício de afirmação da ideologia socialista em um país de tradição capitalista. No esforço de se livrar dos controles do imperialismo estadunidense, os revolucionários buscam estabelecer sua soberania e reforçar as fronteiras do sistema através da exclusão e supressão dos dissidentes políticos.

De forma complementar Said apresenta que a condição do exílio é uma mutilação do exilado a partir da separação entre o indivíduo e aquilo que lhe é familiar: cultura, língua, costumes e tradições.

O exílio é irremediavelmente secular e insuportavelmente histórico; é produzido por seres humanos para outros seres humanos e [...] arrancou milhões de pessoas do sustento da tradição, da família e da geografia. [...] Na escala do século XX, o exílio não é compreensível nem do ponto de vista estético, nem do ponto de vista humanista: na melhor das hipóteses, a literatura sobre o exílio objetiva uma angústia e uma condição que a maioria das pessoas raramente experimenta em primeira mão (SAID, 2003, p. 47).

Diante disso, observa-se que para além do exílio como prática concreta, também há uma dimensão trágica e de sofrimento daqueles que o experienciam e é sobre essa dimensão que se torna possível a análise nos testemunhos de Reinaldo Arenas. Essa angústia, mencionada por Said, permeia não só a obra autobiográfica *Antes que anoiteça*, mas está expressa em grande medida nas correspondências do escritor. No período anterior ao desterro, a saída de Cuba é apresentada como uma possibilidade de reconstrução de sua identidade e recomposição de sua liberdade, no entanto, seus relatos a partir de 1980 ainda apresentam as dificuldades do autor em reestabelecer sua vida.

Em carta enviada de Miami, datada de 26 de junho de 1980, Arenas expõe: “O mundo não é mais uma esfera impossível, mas um convite infinito” (ARENAS, 2010, p. 106, tradução própria)²⁷. Em 6 de junho de 1981, em Nova Iorque, expressa: “É realmente uma sorte poder ainda dar algum grito, correr por um parque ou nadar em algum lugar agradável” (ARENAS, 2010, p. 129, tradução própria)²⁸. Em 8 de janeiro de 1982, também em Nova Iorque, manifesta: “Que alegria ter voado daquela jaula sinistra” (ARENAS, 2010, p. 138, tradução própria)²⁹. Desse modo, Arenas contrapõe à realidade cubana a sua nova vida nos Estados Unidos, de forma a conferir ao local de seu nascimento um estigma de prisão, emudecimento e inospitalidade em oposição a uma vivência livre, ressonante e convidativa.

Todavia, essa nítida demarcação de liberdade ocorre, quase sempre, entre pesares. Em carta enviada de Miami e datada de 15 de junho de 1980, Arenas escreve: “Miami não é um lugar para ficar definitivamente [...]. Não há solidão nem há companhia... há sim uma agitação sem fim e carros que se deslocam enlouquecidos de um lado a outro em uma planície asfíxica. Mas tenho o consolo imenso de ser livre e

²⁷ No original: “El mundo ya no es una esfera imposible sino una invitación infinita”.

²⁸ No original: “Es realmente una suerte poder aún dar algún grito, correr por un parque o zambullirse en algún sitio agradable”.

²⁹ No original: “Qué alegría poder haber volado de aquella jaula siniestra”.

de poder viajar adiante” (ARENAS, 2010, p. 104)³⁰. Na epístola de 1982, citada anteriormente e enviada da cidade de Nova Iorque, assinala ainda: “toda a solidão do mundo e toda a nostalgia do mundo valem a pena diante deste céu sem fronteiras que tenho diante de mim e diante da possibilidade de que essa carta seja enviada livremente” (ARENAS, 2010, p. 138)³¹.

Esses fragmentos demonstram que a liberdade, tão procurada por Arenas enquanto estava em Cuba, reduz-se em território estrangeiro àquilo que é ante o que não foi. Uma liberdade que está sempre acompanhada de um “porém” e que por esse motivo configura-se em uma libertação incompleta ou *un consuelo*. A Cuba caracterizada como uma jaula é concomitantemente lembrada com nostalgia enquanto a liberdade exílica mostra-se asfíxiante e solitária. Por estar acometido por uma existência descontínua, característica do desterro, Arenas mostra-se incapaz de reconstruir sua vida rompida. Mesmo que ele apresente a nova realidade como livre e agradável, observa-se que o escritor se agarra a sua antiga vida, insistindo em recusar, mesmo que discretamente, a pertença ao novo lugar.³²

Simultaneamente à busca pelo “sentir-se livre”, observa-se nos relatos do escritor uma tentativa de reconstituição de sua identidade. Uma identidade que já se fragmentava desde Cuba – quando tinha suas práticas homossexuais negadas e seus escritos censurados –, mas que no desterro parece ainda mais fracionada em função da separação de suas raízes. As questões de sexualidade também continuam atingindo-o no exílio, impedindo a superação de sua crise identitária.³³ Na edição número cinco da Revista *Mariel* é possível verificar, por exemplo, que Arenas e outros diretores do periódico denunciam uma falta de solidariedade aos homossexuais cubanos. Afirmando a existência de diversos elementos retrógrados no país norte-americano e uma campanha do terror aos asilados de Cuba, evidenciam que o último suicídio de um homossexual cubano havia acontecido em Miami, e não na ilha.

Além disso, por ter saído de Cuba com um nome falso, sem documentos que atestem sua existência, Arenas procura uma identidade não apenas subjetiva – relacionada a uma compreensão interna e definição de sua função social – mas uma

³⁰ No original: “Miami no es un lugar para quedarse definitivamente [...]. No hay soledad ni hay compañía...hay, sí, un trajín interminable, y automóviles que se desplazan enloquecidos de un lado a otro en una llanura asfíxiante. Pero tengo el consuelo inmenso de ser libre y de poder viajar más adelante”.

³¹ No original: “Toda la soledad del mundo y toda la nostalgia del mundo valen la pena ante este cielo sin fronteras que tengo ante mí y ante la posibilidad de que esta carta se pueda enviar libremente [...]”

³² De acordo com Said, o exilado “agarra-se à diferença como a uma arma a ser usada com vontade empedernida. Ele insiste ciosamente em seu direito de se recusar a pertencer a outro lugar”. Ver em: SAID, 2003, p. 55.

³³ Os homossexuais haviam sido formalmente excluídos de entrarem nos Estados Unidos desde o início da década de 1950. Em 1952 os homossexuais eram listados pelo Serviço de Imigração e Naturalização (INS) dos EUA como tendo “personalidade psicopática” e por isso eram rejeitados nas terras estadunidenses. Entre 1965 e 1979 eram ainda classificados como “desviados sexuais”. Somente em setembro de 1980 – sete anos após a Associação Americana de Psicologia decidir retirar a homossexualidade como doença de seu *Manual de Diagnóstico e Estatística de Desordens Mentais* –, o INS estabeleceu uma nova política em relação à exclusão de homossexuais, deixando de sondar a vida sexual dos exilados durante a inspeção primária. Ver mais em: DRUMMOND, 2018, p. 101-103.

identidade burocrática. Quando o intelectual é convidado, por Octávio Paz, a sair do EUA para ir ao México revela: “Desejo, antes de tudo, colocar em ordem meu status legal aqui, quer dizer, ter uma documentação que ateste minha existência” (ARENAS, 2010, p. 109)³⁴. Em outra ocasião, quando é convidado para ir a Europa, lamenta: “[...] não é conveniente abandonar os Estados Unidos sem ter uma residência, ou algum tipo de credencial que me permita existir como cidadão normal, não posso chegar à Europa sem documentos” (ARENAS, 2010, p. 109)³⁵. Essa regularização de seus documentos nunca se efetivou. Ainda que fosse um escritor prestigiado e reconhecido internacionalmente, passou os dez anos de seu exílio em situação irregular.

Aos poucos Arenas deixa de apresentar a nova realidade como sinônimo de liberdade e passa a referenciá-la como “um lugar horrível e desumanizado onde se vive entre a intriga, o tráfico e a inveja” (ARENAS, 2010, p. 214)³⁶: “Estou muito sozinho e esta cidade é cada dia mais cruel” (ARENAS, 2010, p. 241)³⁷. Se na ilha caribenha via-se perseguido pela moral, em terras exílicas não foi diferente. Em carta de 1990 afirma: “Estou quase seguro que *El color del verano* não passará pela censura da burguesia que se titula liberal desde que não lhes critiquem, que ocupam as editoras” (ARENAS, 2010, p. 309)³⁸. A vida, antes vista como convidativa e acolhedora, torna-se de novo impossível:

Hoje, passados dez anos, percebo que para um exilado não existe nenhum lugar onde possa viver; não existe nenhum lugar, porque aquele com o qual sonhamos, onde descobrimos uma paisagem, lemos o nosso primeiro livro, tivemos a primeira aventura amorosa, continua sendo o lugar sonhado. No exílio ele não passa de um fantasma, a sombra de alguém que nunca consegue alcançar sua completa realidade. Deixei de existir quando cheguei no exílio; a partir de então, comecei a fugir de mim mesmo (ARENAS, 1995, p. 323).

Observa-se, a partir dos trechos destacados, que Reinaldo Arenas não consegue reconstruir seus sentimentos de completude. Na verdade, eles são inviabilizados duas vezes, primeiro em Cuba por meio de uma amarração seletiva que o transforma em dissidente, e depois no exílio em decorrência da separação de sua terra e de seu passado. Há inicialmente, como demonstrado pelas análises de Saíd sobre o exilado, uma recusa de pertencer ao novo lugar (SAID, 2003, p. 55). Mesmo que Arenas tenha almejado por tantos anos o exílio, quando se viu nele, o intelectual insistiu ciosamente em seu direito de rejeitá-lo. No entanto, os relatos apresentam, também, que a censura e a perseguição pela moral sofridas em Cuba são estendidas ao novo território, inviabilizando os sentimentos de pertencimento e de liberdade, tão almejados por Arenas. É possível pensar, diante disso, que o conservadorismo moral – experienciado por Arenas em Cuba – consiste em uma base comum aos diversos países. Por mais que a Revolução tenha intensificado a perseguição aos homossexuais

³⁴ No original: “Deseo, primero que nada, arreglar mi estatus legal aqui, es decir, tener una documentación que dé fe de mi existencia”.

³⁵ No original: “[...] no es conveniente abandonar USA sin tener una residencia, o algún tipo de credencial que me permita existir como ciudadano normal, no puedo llegar a Europa indocumentado”.

³⁶ No original: “un sitio horrible y deshumanizado donde se vive entre la intriga, el tráfico y la envidia”.

³⁷ No original: “estoy muy solo, y esta ciudad cada día es más cruel”.

³⁸ No original: “Estoy casi seguro que *El color del verano* no pasará la censura de la burguesía que se titula liberal siempre y cuando no los critiquen a ellos, que ocupan las casas editoriales”.

entende-se que essas formas de opressão também são identificadas em terras estadunidenses, não por meio de uma regulamentação jurídica, mas por estarem difusas amplamente nas sociedades ocidentais.

Conclusão

Neste artigo buscou-se analisar o processo de expatriação sofrido pelo intelectual cubano Reinaldo Arenas. Por meio dos relatos autobiográficos e epistolares do escritor foram investigadas suas experiências e expectativas, tanto em Cuba quanto nos Estados Unidos. Além de suas estratégias de fuga e de sobrevivência também foram abordadas suas concepções de identidade e liberdade.

Ao oferecer indícios do clima ideológico Revolucionário, os testemunhos de Reinaldo Arenas evidenciaram os efeitos da Revolução sobre os dissidentes. Nos seus relatos foi possível notar uma fragmentação identitária, que se inicia ainda em Cuba por meio da repressão à sua identidade homossexual e da censura a seus escritos, mas que também se estendeu ao território estrangeiro, não só pelo sentimento da continuação da perseguição moral, mas pela impossibilidade de se inserir em uma nova realidade separada de suas raízes.

Diante disso, é possível afirmar que a posição de combate ao socialismo adotada por Arenas se deveu mais a associação do sistema ao fortalecimento do preconceito do que pela recusa do plano político ideológico. Suas críticas a Revolução foram feitas sobretudo pelo não cumprimento das proposições revolucionárias de igualdade e liberdade a todos os povos cubanos.

Referências:

ARENAS, Reinaldo, (1943- 1990). *Antes que anoiteça!* Reinaldo Arenas. _2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

ARENAS, Reinaldo, (1943- 1990). *Cartas a Margarita y Jorge Camacho (1967- 1990)*. Sevilla: Point de lunettes, 2010.

CASTRO, Mariela. *Uma nação socialista deve defender a igualdade de todos*. 2 fev. 2013. Entrevista concedida a Opera Mundi. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/26925/sobre-homofobia-fidel-sempre-assumiu-responsabilidades-diz-mariela-castro>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2020.

COSTA, Adriane Aparecida Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina: o debate sobre a revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa (1958-2005)*. 2009. 413 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/VCSA-9NBHUX>>. Acesso em: 1 ago. 2020.

DRUMMOND, Caroline Maria Ferreira. *Exílio, literatura, intelectuais e política em "Mariel - Revista de Literatura y Arte"* (1983-1985). 2018. 203 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/BUOS-B9BHNZ>>. Acesso em: 1 ago. 2020.

FOUCAULT, Michel. Aula de 17 de marro de 1976. In: *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 285-315.

FOUCAULT, Michel. Poder-Corpo. In: *Microfísica do Poder*. 4. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984, p. 146-151.

JENSEN, S. Sobre La política del destierro y el exilio en América Latina de Mario Sznajder y Luis Roniger: hacia un enfoque sociopolítico, macrohistórico y teórico-analítico del problema. *Historia, Voces Y Memoria*, (8), p. 13-20, 2015. Disponível em: <<http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/HVM/article/view/1660>>. Acesso em: 19 mai 2020.

KOSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”: duas categorias históricas. In: *Futuro Passado: contribuição a semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2006, p. 305-327.

MARQUES, Rickley Leandro. *A condição Mariel: memórias subterrâneas da experiência revolucionária cubana (1959-1990)*. 2009. 276 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4253/1/2009_RickleyLeandroMarques.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2020.

MESA, Sergio Chaple. A literatura cubana na época da Revolução. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 25, n. 72, p. 131-144, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-40142011000200012>>. Acesso em: 22 jul. 2020.

PRADO, Giliard S. *A construção da memória da Revolução Cubana: a legitimação do poder nas tribunas políticas e nos tribunais revolucionários*. Curitiba: Appris, 2018.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 46-60.